



## OLHARES POLÍTICOS E SOCIAIS: GRACILIANO RAMOS E A LITERATURA DE 1930<sup>√</sup>

Camylla GALANTE\*

### RESUMO

É de conhecimento comum dos estudiosos da literatura e leitores mais atentos que a obra de Graciliano Ramos possui, direta e indiretamente, um viés de análise política e social. Suas personagens são tipos com um quê de universalidade, que representam os diferentes estratos da sociedade do período que se desenrolou o segundo momento do modernismo brasileiro. Sob este aspecto, o presente artigo volta-se para a análise do romance *Caetés* (1933), com foco para o estudo de personagens e a relação destes com a matéria histórica e social, que compreenderão em si moradores do interior alagoano e, por extensão, de todo o Brasil rural. Reflete-se que, ao modo sincrônico, a obra relê aspectos arcaicos da sociedade brasileira. Contribuem para esta reflexão, proposições de Antonio Candido (1989), Luiz Costa Lima (2009), dentre outros, além da recorrência a outras obras do autor, como *Infância* (1945), *Memórias do Cárcere* (1953) e escritos burocráticos de seus tempos de político, que corroboram com a análise pretendida.

Palavras-chave: Representação social. Romance de 1930. *Caetés*.

### 1 GRACILIANO, A POLÍTICA E A REPRESENTAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

Na história da Literatura Brasileira, a chamada Geração de 1930, passados os fulgores dos modernistas da Semana de 1922, mas ainda sob influência destes, voltou-se para a cultura popular brasileira e para os tipos característicos do país. No Brasil de então, majoritariamente rural, verificavam-se expressivas mudanças no cenário político e social que acabou por repercutir numa nova configuração cultural. Segundo Antonio Candido em seu ensaio **A revolução de 1930 e a cultura** (1989), este momento “gerou um movimento de unificação cultural, projetando na escala da Nação fatos que antes ocorriam no âmbito das regiões” (CANDIDO, 1989, p.180-181). Ainda segundo o crítico,

<sup>√</sup> Artigo recebido em 02 de agosto de 2016 e aprovado em 30 de novembro de 2016.

\* Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Linha de Pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais – Estudos Comparados. E-mail: <camygalante@gmail.com>.

os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período (CANDIDO, 1989, p.181).

Graciliano Ramos de Oliveira (1892 – 1953) foi um dos expoentes desse segundo momento do Modernismo no país. Exímio prosador, escreveu romances, contos e crônicas. Além de escritor, foi jornalista, político e memorialista. Estas diferentes atribuições do autor de **Vidas Secas** (1938) se mesclam em sua escritura, e é possível verificar tanto a política na literatura quanto o inverso. Num relatório escrito pelo autor nos tempos em que fora prefeito de Palmeira dos Índios, pode-se verificar sua forma de escrita tão própria, a linguagem seca e direta mesmo ao argumentar sobre os gastos da prefeitura durante seu mandato:

Pensei em construir um novo cemitério, pois o que temos dentro em pouco será insuficiente, mas os trabalhos a que me aventurei, necessários aos vivos, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável. Os mortos esperarão mais algum tempo. São os munícipes que não reclamavam (RAMOS, 2008, s/p).

Até mesmo as burocracias ganhavam ares literários e os moradores da então Palmeira dos Índios transformavam-se em personagens do prefeito-escritor. O “pobre povo sofredor”, seus eleitores, assim como os “pequeninos senhores feudais” (RAMOS, 2008, s/p) do relatório são os mesmos que aparecerão em seus romances e contos, representados por personagens que compreenderão em si cada um desses moradores do interior alagoano e, por extensão, de todo o Brasil rural.

Em suas obras literárias, esta relação entre o povo, geralmente explorado e sem voz, e os seus exploradores, a relação daqueles que mandam e aqueles que (se juízo tiverem) obedecem, está constantemente presente. Esta relação dialógica entre o mais forte e o mais fraco aparecerá tanto em seus romances quanto em seus livros considerados memorialistas, como **Memórias do Cárcere** (1993) e **Infância** (1982), mesmo que algumas vezes se deem não só nas questões políticas, mas também na familiar como no texto das memórias infantis. A importância deste tema para a obra de Graciliano Ramos é tamanha que já em seu primeiro romance, **Caetés**, concluído em 1928 e publicado em 1933, o escritor alagoano introduz esta temática.

O romance de estreia do autor destoa parcialmente das obras posteriores, pois não se trata de um romance com temática rural como **Vidas Secas** (1938) e **São Bernardo** (1934), mas ambienta-se em Palmeira dos Índios, cidade da qual trata o supracitado relatório com traços artísticos. Diz-se parcialmente por tratar-se de uma cidade interiorana que, em muitos aspectos, lembra os cenários e as personagens recorrentes nos romances produzidos na década de 1930 que têm como pano de fundo fazendas e engenhos de cana-de-açúcar, tanto nas obras do próprio autor e como de outros nomes da época.

O período em que Graciliano fora prefeito, de 1928 a 1930, é anterior à publicação de **Caetés**. Tem-se a impressão de que o autor utilizou seu mandato à frente da prefeitura como uma espécie de “laboratório” para a criação de suas personagens, pois, em alguns de seus romances, o narrador, seja em primeira, seja terceira pessoa, além de descrever e narrar os acontecimentos, ainda analisa as personagens e o que se passa com elas enquanto pertencentes a um determinado estrato social e quais as consequências disso.

Este laboratório de personagens feito a partir de pessoas com as quais o escritor conviveu parece iniciar-se em tenra idade, como mostra o livro de memórias **Infância**. Foi nele que se descobriu a figura de Paulo Honório, personagem protagonista do romance **São Bernardo**, que aparece na descrição da vila onde fora morar: “Alguns becos rasgavam-se no tronco; um ia ter à lagoa; outro fazia um cotovelo, dobrava para o Cavalão-Morto, areal mal afamado que findava no sítio de Seu Paulo Honório [...]” (RAMOS, 1982, p.49), José Baía, que por vezes fervilhava na cabeça de Luís da Silva de **Angústia**, entre outras personagens que povoam sua obra. De acordo com Aderaldo Castelo:

Se lembrarmos que **Caetés** está impregnada de protagonistas que nos remetem à retrovisão memorialística de *Infância*, compreendemos perfeitamente que esta narrativa resulte também da observação de tipos, comportamentos, condição sócio-econômica, paisagem do sertão. Ela, as crônicas anteriores e a reconstituição de *Infância* esclarecem, agora conjunta e fundamentalmente, os romances anteriores (CASTELO, 1999, p. 306).

Também de acordo com o crítico Wilson Martins:

Além das ligações por assim dizer materiais que existem entre *Infância* e os romances, o livro de memórias talvez nos ajude a compreender e a descobrir os motivos da visão amarga e pessimista do mundo que

acompanha o Sr. Graciliano Ramos. São justamente os episódios da infância que marcam fundamente a psicologia do adulto: não sei que clarividente observador já disse que a criança é o pai do homem. (MARTINS, 1978, p. 44-45).

Esta prática de guardar acontecimentos para “reutilizá-los” em suas criações remetem tanto às memórias da infância quanto aquilo que vivenciava o autor, ao que indica uma entrevista concedida a Homero Senna, publicada originariamente na **Revista Globo** nº. 473:

Estava no capítulo XIX [de São Bernardo], capítulo que escrevi já com febre, quando adoeci gravemente com uma psóite e tive de ir para o hospital. Do hospital ficaram-me impressões que tentei fixar em dois contos – ‘Paulo’ e ‘O relógio do hospital’ – e no último capítulo de Angústia (BRAYNER, 1978, p. 52).

Além de guardar, ficcionalizar e utilizar os eventos que lhe sucederam na vida, o olhar do escritor alagoano para o mundo possui um viés político, que percebe e se indigna com aquilo que vê e, muitas vezes expressa as injustiças que presencia em suas obras de forma irônica e amarga. Um exemplo desta indignação está no caso do cinturão que aparece no episódio homônimo em **Infância**, quando seu pai, ao levantar da rede, pergunta sobre seu cinturão que, para ele, havia sido pego por alguém. O pequeno Graciliano que por ali estava acaba por levar a culpa e a surra. Seu pai, posteriormente, encontra o cinturão caído na rede, faz rodeios, sente culpa, mas nada fala. O Graciliano adulto inicia o capítulo irônico, esclarecendo a lógica da justiça que viria a identificar posteriormente nas relações humanas:

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto é natural (RAMOS, 1982, p.31).

O ponto de vista do autor mescla-se normalmente com a do protagonista de seus enredos. Mesmo quando estes se tratam de ficção e não de prosa memorialista, a personagem principal carrega as características do próprio Graciliano Ramos assim como suas análises sobre a condição do homem no Brasil agrário de então. Em **Caetés**, esta análise política das circunstâncias ocorre de uma forma sutil, no desenvolvimento do enredo, na descrição das personagens e do cotidiano de Palmeira dos Índios.

## 2 CAETÉS: A ANÁLISE SOCIAL BRASILEIRA NO QUOTIDIANO

Escrito em primeira pessoa, *Caetés* tem como narrador e protagonista José Valério, um guardador de livros da casa comercial dos irmãos Vitorino e Adrião Teixeira, cuja mulher do último é objeto de amor platônico por parte da personagem-narrador. Valério, além da ocupação profissional no comércio, colabora com o jornal da cidade, **A Semana**, dirigido por padre Atanásio, o que torna o jornal católico e limita as possibilidades de criação de seus colaboradores. Os escritos jornalísticos do protagonista não são suas únicas produções relativas à escrita. José Valério possui também pretensões literárias: ao longo do livro leem-se os esforços nem sempre bem-sucedidos da personagem de escrever um livro sobre os índios Caetés, tribo brasileira de canibais, para ele os habitantes originais do território brasileiro, que aparece no relatório anteriormente citado, quando Graciliano comenta sobre as obras realizadas nas estradas de seu município:

O caminho que vai a Quebrangulo, por exemplo, original produto de engenharia tupi, tem lugares que só podem ser transitados por automóvel Ford e lagartixa. Sempre me pareceu lamentável desperdício consertar semelhante porcaria.[...] Abandonei as trilhas dos caetés e procurei saber o preço duma estrada que fosse ter a Sant'Ana do Ipanema. Os peritos responderam que ela custaria aí uns seiscentos mil-réis ou sessenta contos. Decidi optar pela despesa avultada. (RAMOS, 2008, s/p).

Apesar de a tentativa de escrever um romance de José Valério nomear a obra de Graciliano Ramos, não é este o mote principal do enredo. Ao longo do texto as divagações do protagonista por conta de sua paixão por Luísa, esposa de Adrião Teixeira, ocupa o lugar central do romance, que se inicia com questionamentos e repreensões quanto a sua conduta do dia anterior, num dos serões na casa do patrão: “Luísa quis mostrar-me uma passagem do livro que lia. Curvou-se. Não me contive e dei-lhe dois beijos no cachaço”. (RAMOS, 2006, p.09). Partindo deste ocorrido entre as personagens, inicia-se o romance.

Ao longo do texto, as elucubrações de José Valério preenchem as páginas. O enredo desenrola-se com morosidade, e a vida daquela cidadezinha parece andar em círculos. Os dias parecem suceder-se como uma cópia do anterior, com os mesmos temas de conversa, com as mesmas fofocas, com os mesmos acontecimentos. As demais personagens são construídas sob a ótica do narrador,

que tece as impressões e características acerca delas. Os julgamentos dos leitores em relação aos tipos presentes no livro passam pelo crivo daquele que conta a história, assim como a personagem do próprio José Valério é também construída a partir das próprias percepções do narrador:

Eu amava aquela mulher. Nunca lhe havia dito nada, porque sou tímido, mas à noite fazia-lhe sozinho confidências apaixonadas e passava uma hora, antes de adormecer, a acaricia-la mentalmente. Até certo ponto isto bastava à minha natureza preguiçosa (RAMOS, 2006, p.11).

Em outro momento, ao ser requisitado para compor uma carta à d. Engrácia, viúva e fazendeira rica da velha aristocracia que ainda permanecia na cidade, Valério, lamentando que aquela fortuna seja tão mal empregada e que o mundo seja “muito mal arranjado” (RAMOS, 2006, p.14), compara-se às outras personagens:

E eu, em mangas de camisa, a estragar-me no escritório dos Teixeira, eu, moço, que sabia metrificação, vantajosa prenda, colaborava na Semana de padre Atanásio e tinha um romance começado na gaveta. É verdade que o romance não andava, encencado miseravelmente no segundo capítulo. Em todo o caso sempre era uma tentativa (RAMOS, 2006, p.14).

Percebe-se que, apesar de exaltar as suas características, no fim do raciocínio ele próprio diminui a importância de seu feito literário ao dizer que o romance não andava e estava “encencado miseravelmente no segundo capítulo”. Esta auto-depreciação do protagonista parece ser recorrente nas personagens centrais das obras de Graciliano Ramos, como é possível perceber em *Vidas Secas* (1938), quando Fabiano reflete, por meio do narrador onisciente, que é um homem para, no instante seguinte, reconhecer que é um bicho:

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs a fumar regalado.

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. (RAMOS, 2008, p.18).

Processo semelhante acontece com Luís da Silva, protagonista de *Angústia* (1936) e até mesmo em **Memórias do Cárcere**, publicado postumamente em 1953,

no qual a personagem principal é o próprio autor. Esta característica pode levar a compreender que as personagens principais de Graciliano Ramos possam ter algo de autobiográfico e, por meio delas, o autor reflete sobre o ser humano, suas fraquezas, ao seu não amoldamento no mundo em que vive, além de expor, pelas vozes das personagens, reflexões acerca da situação do brasileiro no cenário da década de 30. A produção literária de Graciliano contém uma visão sincrônica de aspectos arcaicos ainda constantes na sociedade de seu tempo. Desta forma para ele, o ato de escrever é algo necessário, seja para uma compreensão de si, seja para a compreensão do mundo que percebe:

- Poderia, hoje, deixar de escrever?
- Quem me dera poder deixar...
- Sua obra de ficção é autobiográfica?
- Não se lembra do que lhe disse a respeito do delírio do hospital? Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se as personagens se comportam de modos diferentes, é porque não sou um só. Em determinadas condições, procederia como esta ou aquela das minhas personagens. Se fosse analfabeto, por exemplo, seria tal qual Fabiano... (BRAYNER, 1978, p. 55).

Seus protagonistas são um reflexo de si, mas percebe-se neles também personagens comuns do cenário brasileiro. Assim como Graciliano, se analfabeto fosse, seria como Fabiano, assim eram (e talvez ainda sejam) milhares de homens do período em questão. Se é possível dizer que há algo de autobiográfico em seus escritos, José Valério pode figurar como uma “versão” do escritor. Apesar de o protagonista de *Caetés* não lograr na sua empreitada literária, ele ainda assim faz, por meio de suas divagações, uma análise dos tipos que habitam a sua cidade e uma análise, indireta, das circunstâncias do país.

Pode-se ainda analisar estas personagens do escritor alagoano sob o viés da categoria do herói problemático desenvolvida por Georg Lukács em seu **Teoria do Romance** (1933). Segundo o teórico, o herói problemático não se encaixa na sociedade em que vive e suas ações não correspondem àquelas esperadas por seus contemporâneos ou aquelas que não são valorizadas por tais, como por exemplo o romance em construção de José Valério em **Caetés**.

Ainda que escrito no fim da década de 1920, **Caetés** prenuncia as características do romance de 1930, pois trabalha a realidade sem romantizações, é uma narrativa linear e, principalmente, representa o Brasil do período por meio das

suas personagens que exercem o papel das diferentes camadas sociais que então formavam o país.

Segundo Antônio Candido no ensaio **A revolução de 1930 e a cultura**, presente no livro **A educação pela noite e outros ensaios** (1989), neste período verificou-se algumas atualizações na literatura, tanto na forma quanto na temática. Houve um “enfraquecimento progressivo da literatura acadêmica” e um “alargamento das ‘literaturas regionais’ à escala nacional” e uma “polarização ideológica” por parte dos escritores (CANDIDO, 1989, p.184). Graças ao Movimento Modernista da década anterior,

a escrita de um Graciliano Ramos ou de um Dionélio Machado [...], embora não sofrendo a influência modernista, pôde ser aceita como ‘normal’ porque a sua despojada *secura* tinha sido também assegurada pela libertação que o Modernismo efetuou (CANDIDO, 1989, p.185).

Candido aponta, ainda no mesmo ensaio, que “ligado às condições específicas do decênio de 1930 foi a extensão das literaturas regionais e sua transformação em modalidades expressivas cujo âmbito e significado se tornaram nacionais, como se fossem coextensivos à própria literatura brasileira” (CANDIDO, 1989, p.186). Ou seja, os problemas e os tipos presentes em obras consideradas regionalistas, como *Caetés*, por exemplo, podem ser estendidos à realidade do país todo, como se o microcosmo de Palmeira dos Índios, com suas personagens e seus problemas individuais e coletivos, fossem a representação de um todo, o particular entendido como alegoria para o geral.

Partindo da teorização de Luiz Costa Lima em sua obra **Mímesis: desafio ao pensamento** (2000), quando este trata sobre o problema da mimesis, pode-se dizer que os escritos de Graciliano Ramos encontram-se naquilo que o teórico classifica como **mímesis de produção**. A ideia de mimesis de produção é oposta a ideia de **mímesis de reprodução**, ligada ao conceito aristotélico de mimesis. Ao longo da história da filosofia, este conceito esteve sempre ligado a compreensão de sujeito, era entendido como um modo de representação determinado por um sujeito solar, completo, e esta representação não passaria de uma das emanações deste sujeito. Para que este conceito fosse compreendido como uma forma de presentificar aquilo que está ausente e originário do sujeito solar, representação deveria ser compreendida como uma “construção humana equivalente a algo prévio

a ela” (LIMA, 2000, p.230), como uma forma de reprodução da realidade vivida e compreendida por este sujeito solar.

Este sujeito uno, solar, é o sujeito cartesiano, que carrega a concepção da tradição filosófica anterior, que partia da ideia de essência, que o homem pode ser definido e compreendido a partir de sua consciência. Entretanto, numa releitura de autores modernos, na passagem do pensamento de Descartes para o pensamento kantiano, a concepção de sujeito muda: ele deixa de ser um sujeito uno, total, originário, solar, para ser um sujeito fraturado, diluído.

A concepção de sujeito fraturado reverbera no conceito de mimesis e na produção e recepção artística. A arte era compreendida como uma representação da natureza, da realidade, originária deste sujeito solar. A partir da mudança da compreensão de sujeito, muda-se também a arte, que passa a produzir algo não antes dado. Nas palavras de Costa Lima,

Aristóteles tinha uma concepção orgânica da mimesis, quando, para nós, se trata de vê-la em sua face produtiva, i.e., de criação de um objeto que não se explica por um similar dado na realidade, senão que produz algo antes não dado. Isso poderia ser visto pela leitura de “Meu Tio o lauaretê” do nosso Rosa – ao longo da narrativa, o onceiro, por sua própria linguagem, vai-se transformando em onça. Veja-se a diferença com o tratamento habitual: neste se descreveria simplesmente tal transformação. É àquela transformação interna que chamo mimesis da produção. (NASCIMENTO, 2001, p.12).

A arte, então, deixa de ser uma **mimesis de reprodução** e passa a ser uma **mimesis de produção**. Em outras palavras, o sentido da obra de arte não está mais somente em um referente anterior, mas agora produz sentidos que irão além daquele referente. A mimesis de produção dá novos sentidos para aquilo que é criado, é um sentido que vai além daquele que se pretendia na mimesis de reprodução. Graciliano Ramos realiza em sua elaboração estética de personagens, espaço e tempo um processo mimético de produção, ao fazer reverberar a matéria social em sua narrativa.

Em **Caetés** pode-se perceber como Graciliano trabalhou a realidade social brasileira. Apesar de se basear em vivências próprias, por meio da linguagem e da construção das personagens, ele não só representou estratos da sociedade, como refletiu sobre estes e ressignificou seus papéis na coletividade. É possível identificar cada parte da sociedade brasileira do período em cada uma das personagens: uma

classe média, nem parte da aristocracia e nem miserável a ponto de passar necessidades figura na imagem de José Valério; o clero está representado por padre Atanásio, que também faz as vezes da imprensa nada imparcial; o povo, aqueles que estão na miséria e vivem a margem da sociedade, que são raramente lembrados pelos demais aparece no papel do sapateiro, cuja esposa é tísica e os filhos vivem ao deus-dará; os imigrantes, representado pelo italiano Pascoal, que explora d. Maria José, dona da pensão onde mora o protagonista do romance. Outras personagens sociais mostram-se na obra: o judiciário, desempenhado por o advogado Barroca e o tabelião Miranda Nazaré, o médico dr. Liberato, a figura da solteirona que acaba enlouquecendo, tão presente nos romances de José Lins do Rego, presente na personagem de Clementina.

De acordo com as palavras de Elizabeth Ramos, na apresentação da edição comemorativa de 80 anos da obra de Caetés,

Gente mofina e insignificante. Todos medíocres, pobres-diabos, alguns perniciosos [...].Caetés é o livro da cidade, da cidadezinha do interior, com a sua vida alimentada no fuxico cotidiano pelo literato fracassado, pelo marido enganado, pelo farmacêutico sórdido, pelo médico complicado, pelo promotor imbecil, pelo padre ignorante, pelo beberão, pelas beatas, pelas prostitutas, pelo assassino inocentado e pelas mulheres históricas. Romance de uma sociedade mesquinha, de gente selvagem, ligeiramente polida por uma tênue camada de verniz vista pelo olho irônico do observador. Imagens feias que recriam um ambiente feio e asfixiante, de sossego sufocante, que se alimenta da vida alheia, da mesma forma que os caetés se alimentavam de carne humana. (RAMOS, 2013, p.10).

Nos romances como Caetés, segundo Antonio Candido, “o novo modo de ver [a sociedade brasileira], mesmo discretamente manifestado, pressupunha uma ‘desaristocratização’” (CANDIDO, 1989, p. 194). Esta desaristocratização, ou a decadência destas personagens que antes ditavam as regras da sociedade, aparecem na obra de Graciliano como personagens que, apesar de terem posses, são, de alguma forma, inúteis para a sociedade, como Adrião Teixeira, que é descrito por José Valério como um “velhote calvo, amarelo, reumático, encharcado de tisanas. [...] Para que servia homem tão combalido, a perna trôpega, cifras e combinações de xadrez na cabeça?” (RAMOS, 2006, p.15), e d. Engrácia, uma “viúva antipática, podre de rica, morando numa casa grande como um convento, só se ocupando em ouvir missa, comungar e rezar o terço, aumentando a fortuna com avareza para a filha de Nicolau Varejão” (RAMOS, 2006, p.14).

Por fim, pode-se dizer que José Valério, nas suas pretensas tentativas de compor um romance, queria escrever sobre os índios Caetés, os habitantes “originais” do Brasil, mas, ao fim, descobre a si mesmo e seus contemporâneos como ainda sendo caetés (selvagens talvez?), como sendo o autêntico povo brasileiro.

## POLITICAL AND SOCIAL INSIGHTS: GRACILIANO RAMOS AND THE LITERATURE OF THE 1930'S

### ABSTRACT

It's acknowledged that Graciliano Ramos' work has, direct and indirectly, a political and social bias. His characters have something of a universality, which represents the different strata of the society in the period in which the second moment of the Brazilian modernism occurred. Under this aspect, this article focus the analysis of the novel “Caetés” (1933), with emphasis on the study of its characters and their relation with the social and historic matter, which will comprise Alagoas state's countryside dwellers, extending this to all rural Brazil. In a synchronic way, it's thought that the work reviews archaic aspects of the Brazilian society. Antonio Candido (1989), Luiz Costa Lima and other author's propositions contribute to this thought, besides the research in other of the author's works, as “Infância” (1945), “Memórias do Cárcere” (1953) and bureaucratic writings from his politician time, which corroborate to the intended analysis.

Keywords: Social representation. 1930's novel. Caetés.

### REFERÊNCIAS

BRAYNER, Sônia (org.). **Graciliano Ramos**. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CASTELO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira – Origens e Unidade**. Vol. II. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999.

LIMA, Luiz Costa. **Mímesis: desafio ao pensamento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MARTINS, Wilson. Graciliano Ramos, o Cristo e o grande inquisidor. BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

NASCIMENTO, Evandro. Entrevista com Luiz Costa Lima. **Ipotesi** - revista de estudos literários, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, 2001, p. 9 a 15. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/12/Entrevista-com-LCL1.pdf>

RAMOS, Elizabeth. Apresentação. In: **Caetés**. Edição comemorativa dos 80 anos da obra. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. São Paulo: Record: 1984.

\_\_\_\_\_. **Caetés**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

\_\_\_\_\_. **Memórias do Cárcere**. Vol. I e II. São Paulo: Record, 1993.

\_\_\_\_\_. **Relatório da Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios, 1930** - O prefeito Graciliano Ramos presta contas do exercício de 1929 ao Governador de Alagoas. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/conteudo-complementar/relatorio-da-prefeitura-municipal-de-palmeira-dos-indios-1930>. Acesso em 18 de jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 2008.